
A Ucronia Barrosiana: espaço de experiência e horizonte de expectativa no conto “O osso do presunto” (1920)

The Barrosian Ucronia: space of experience and horizon of expectation in the story “The bone of ham” (1920)

*Elynaldo Gonçalves Dantas**

Resumo: Neste artigo partiremos do aparato conceitual desenvolvido por Reinhart Koselleck para, a partir de um conto específico de Gustavo Barroso, intitulado “O osso do presunto” (1920), para compreender como se desenvolveu a sensibilidade barrosiana diante da tensão entre experiência e expectativa característica da temporalidade moderna. Destarte, debruçamo-nos sobre um texto no qual a experiência temporal manifesta-se à superfície de sua linguagem.

Palavras-chave: Gustavo Barroso. Literatura. Modernidade.

Abstract: In this article, we will start from the conceptual apparatus developed by Reinhart Koselleck, from a specific tale by Gustavo Barroso entitled THE BONE OF THE HAM (1920), to seek to understand how the barrosiana sensibility developed in the face of the tension between experience and expectation characteristic of modern temporality. Thus, we turn to a text in which temporal experience manifests itself on the surface of its language.

Keywords: Gustavo Barroso. Literature. Modernity.

Introdução

O mundo está fora dos eixos. Oh maldita sorte... Por que nasci para colocá-lo em ordem! (Hamlet, I, V)

Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu na cidade de Fortaleza, Ceará, no dia 29 de dezembro de 1888, filho de Antônio

* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará. *E-mail:* elynaldohis@gmail.com

Filinto Barroso, pertencente a uma tradicional família rural cearense em declínio econômico, e de Ana Dodt Barroso, descendente de imigrante alemão. Seus primeiros estudos se deram no colégio laico Partenón Cearense, em 1898. Seu curso secundário foi no Liceu do Ceará, em 1899, ingressando na Faculdade de Direito do Ceará em 1907.

Nesse período, em que a oligarquia Accioly encabeçava o quadro político cearense, Barroso começa a desenvolver atividades letradas ao escrever para órgãos da imprensa local. Aos 19 anos de idade, em 1907, sua postura nos jornais começa a se destacar pelo forte oposicionismo à oligarquia de Nogueira Accioly. (Moreira, 2006, p. 9-10). Aquele ano também marca a estreia de Barroso na imprensa nacional e sua participação em grêmios literários. No ano de 1910, Barroso passa a residir na então capital do País, Rio de Janeiro, onde conclui seu curso de Direito em 1912, em concomitância à sua atividade de escritor e redator de jornais e revistas como *A Careta*, *Tico-Tico*, *Fon-Fon* e *Jornal do Comércio*, mesmo ano em que publica seu primeiro e renomado livro, *Terra de Sol*.

No ano de 1914, Gustavo Barroso retorna ao Estado do Ceará para assumir o cargo de secretário do Interior e da Justiça do governo do seu primo, Liberato Barroso. Ainda em 1914, Gustavo Barroso é eleito Deputado Federal pelo Ceará, na legenda do Partido Republicano Conservador, seu mandato (1915-1918) é marcado por discursos e propostas contra a seca, pelo seu projeto de lei contra a entrada no Brasil de pessoas consideradas indesejadas, pela busca de reviver tradições militares e por seu ingresso na comissão de Marinha e Guerra.

À luz do entendimento de Nicolau Sevcenko atentamos, como premissa fundamental para a compreensão do primeiro período republicano no Brasil (1889-1930), que a dinâmica da nova ordem, a ânsia do progresso, suscitou a hegemonia de discursos técnicos dispostos a fazer valer, a qualquer custo, a modernização do País. Espelhando-se nos padrões europeus, mudando a cara de grandes e pequenas cidades brasileiras, com a tentativa de imposição de novos hábitos e costumes, a dinâmica do progresso trouxe mudanças que atingiam todos os níveis da experiência social, alterando hierarquias sociais, convicções, valores, percepções de tempo e espaço, formas de ser e estar no mundo. (SEVCENKO, 1998, p. 7- 48).

Gustavo Barroso vivenciou e registrou como poucos esse período vertiginoso da nossa história. Por meio de seus livros, contos, crônicas, romances, ensaios e de sua atuação como Deputado Federal, Barroso buscou descrever, interpretar e ordenar as mudanças históricas que vivenciava, tendo

sua escrita um papel estratégico para a compreensão das tensões e dinâmicas do seu tempo. São textos que registram a mudança de uma antiga sociedade rural baseada na pessoalidade, no paternalismo e na inviolabilidade senhorial, para uma sociedade urbana, atravessada pelo anonimato do capital, pela invasão dos agentes do Estado e pela quebra de hierarquias sociais.

Em 1920, Gustavo Barroso publica o livro *A Ronda dos Séculos* (1920), escrito durante seu mandato.¹ O livro reúne uma série de contos, no qual Gustavo Barroso tem, como sua matéria-prima, o tempo e o espaço. Tempo e espaços construídos por sua narrativa e pelos quais Barroso passeia e monta guarda numa vigília que traça uma história linear da humanidade, percorrida desde o que ficou conhecido por Pré-História, passando pela Antiguidade, Idade Média, era Moderna, pelo seu presente nos primeiros anos do século XX, até chegar num futuro prometido pelo discurso do progresso. E é sobre esse conto específico, que traça uma expectativa de futuro, intitulado “O ôso do presunto”, que iremos nos ater neste texto.

Nesse sentido, nosso esforço que passa pela relação entre história e literatura buscará responder a questões como: (i) Qual o contexto de produção do referido conto? (ii) Qual a relação entre experiência e expectativa na visão de mundo barrosiana? (iii) Qual espaço-tempo sua narrativa projeta?

Nesta empreitada que visa a analisar como Barroso, por meio da literatura, vivenciou e registrou a temporalidade moderna, nosso principal referencial teórico é o articulado por Reinhart Koselleck, em seus livros *Futuro Passado-: contribuição à semântica dos tempos históricos* (2006) e *Estratos do tempo: estudos sobre história* (2014). A partir desse aporte, retiraremos insumos para entender a nova dinâmica temporal advinda com a temporalidade moderna caracterizada, sobretudo, pela aceleração, ânsia de progresso e pelo tempo tripartido.

Destarte, entendemos que, ao apontar o tempo como uma construção demasiadamente humana, podemos contribuir para a desnaturalização desse conceito. Entender o tempo não como um já dado, mas como produzido, a partir de um determinado *lugar social*² e de uma determinada demanda, é estarmos atentos para a possibilidade de *tempos outros* que não o tempo de uma sociedade movida pelo capitalismo e sua sede de progresso que atropela tudo e todos. Questionar esse tempo já dado, como um *a priori*, é lançar o tempo para o devir, para o fluxo, para uma abertura a novas possibilidades de existência, num momento em que a sombra do fascismo avança em todo o Ocidente.³ Acreditamos assim que devolver o tempo à História é

afirmar que outros tempos, que não o de opressão e exclusão, são possíveis e hão de vir.

Uma breve ronda nos séculos

No livro *a Ronda dos Séculos*, Gustavo Barroso se faz historiador à sua maneira – um antimoderno na linha da modernidade. Explicamos: a obra é composta por uma série de contos que busca, a partir de um entendimento da história humana como linearidade, que mantém como elo e *ethos* a guerra e o princípio do homem como um ser de conflito, construir uma determinada ideia de nação. Portanto, concepção linear da História e a própria ideia de nação e o discurso nacionalista que a constrói (HOBSBAWN, 1990) são frutos da modernidade, mesmo que reativos a esse projeto.

Para tanto, o autor divide seu livro por eras, iniciando na Pré-História, passando seguidamente pela Antiguidade oriental, a Grécia e o Oriente helenizado, Roma e o Islã, a Idade Média, a Reforma e o Renascimento, a Era dos Descobrimentos, a Época Moderna, seu presente de escrita, com a “Grande guerra”, e mais uma projeção de futuro com o conto “O ôsso do presunto”, misturando personagens e acontecimentos reais com personagens fictícios, abordando, em nível de exemplo, personagens como o bárbaro Krum, Alexandre, o Grande; o papa Alexandre II e o rei Luís XIV, a Revolução Francesa, a Guerra de Secessão e a Primeira Guerra Mundial. E é assim, com uma alta dose de imaginação, que Barroso buscou dar sentido à história humana no tempo e no espaço.

Entendemos essa série de contos, em que Barroso tem o tempo como matéria-prima, não apenas como representação qualquer do passado e projeção de um futuro, mas sobretudo como um registro de seu presente, que fala sobre a sua sensibilidade diante do tempo que anunciava o progresso. O tempo do progresso que Barroso vivenciava era um tempo de rupturas, de descobertas científicas e tecnológicas, de novos hábitos e costumes que abalavam todos os aspectos da vida social, além da experiência traumática da Grande Guerra (1914-1918). Dessa forma, Barroso experienciava a transição de uma antiga sociedade rural baseada na pessoalidade, no paternalismo e na inviolabilidade senhorial, para uma sociedade urbana, atravessada pelo anonimato do capital, pela invasão dos agentes do Estado, pela quebra de hierarquias sociais, bem como o abalo do mito cientificista do progresso que, baseado no uso da razão, nos padrões civilizacionais e na progressão do desenvolvimento, projetavam uma sociedade harmoniosa que se libertava do atraso que o passado significava.

Segundo Koselleck (2006, p. 42-43), o tempo da modernidade rompe com a temporalidade anterior, um tempo caracterizado pela percepção de que a história se associava a uma natureza que não se modificava, ou melhor que só se modificava na longa duração, seguindo um *continuum* de validade geral que encerrava, em si, ao mesmo tempo, passado, presente e futuro; dessa forma, a história era entendida como *magistra vitae*, pois dela poderíamos tirar ensinamentos proveitosos para a vida, já que as experiências geracionais não se modificavam tanto.

Já com o advento da modernidade, abre-se um fosso entre as temporalidades; saíamos da certeza da mudança lenta, gradual e segura, na qual o futuro já tinha uma previsibilidade possível pela experiência da repetição, para a separação radical entre presente, passado e futuro, de modo que se inaugura uma nova experiência do cotidiano, marcada pela aceleração,⁴ pela mudança e pela instabilidade.⁵ Efetua-se assim uma desnaturalização da temporalidade anterior e a abertura de uma nova experiência temporal, que tem como mote a disponibilidade da técnica, a aceleração e a imprevisibilidade do futuro – indicadores de uma história especificamente moderna.⁶

O mundo para Gustavo Barroso estava fora dos eixos. E ele, por meio de sua atuação política, conjugada com sua atividade literária, propunha ordená-lo.

Para Barroso, era preciso tomar as rédeas dessa aceleração do tempo que ameaçava destruir antigos territórios de mando. Contra a vertigem causada pela desagradável aceleração da modernidade e a ruptura da sensibilidade temporal entre passado e presente, desestabilizando a certeza dos privilégios de sua classe no futuro, Barroso vai buscar elementos que sirvam de âncoras temporais. Num mundo de mudanças, o autor elenca a natureza conflitivo-humana como uma constante que atravessa todos os séculos; demonstrativo disso é a primeira parte do seu livro intitulado “A primeira guerra” e a conclusão do seu livro intitulada “A última guerra?” É importante ressaltar que o livro embora publicado em 1920 fora escrito ainda no desenrolar da Grande Guerra Mundial. Acontecimento que marcou sobremaneira sua vida e da qual ele tinha grande interesse como amante das tradições militares (CERQUEIRA, 2011), chegando a ingressar na comissão de Marinha e Guerra no ano de 1917.⁷

Diante das informações apontadas, buscaremos entender como Gustavo Barroso organiza seus discursos, em função das demandas sempre atuais, discursos que são registros de seus sonhos, temores e anseios. Discursos

que têm o tempo dentro de si, que remetem a dadas dimensões do tempo e do espaço, a dadas relações sociais, nos quais estão inseridos, sendo frutos de um dado momento histórico e comprometidos com determinadas relações de poder. Discursos que operam a realidade, prática social que produz, mas que é também produzida socialmente, fabricando visões de mundo que, por sua vez, engendram discursos outros.

Depois dessa breve apresentação de seu livro e de seu contexto de produção, no próximo tópico adentraremos na análise específica do já referido capítulo.

A Ucronia Barrosiana

O conto “O ôsso do presunto” está inserido na última parte do livro que tem como título uma provocação: A última guerra? A narrativa nos fala do encontro entre dois amigos: João Mattoso, *bacharel e literato* e o engenheiro, Antonio Mendes, numa Rio de Janeiro futurística, em que voos internacionais, carros elétricos, telefones sem fio marcam a paisagem da cidade. (BARROSO, 1920, p. 341-343). Desta forma sua narrativa está inserida no gênero literário conhecido por utopia,⁸ ou melhor, por ucronia.⁹

Partimos dessa digressão para problematizar os seguintes pontos: Quais os sentidos da ucronia barrosiana? Qual a relação entre experiência e expectativa na visão de mundo de Gustavo Barroso? A que(m) serve essa representação espaçotemporal?

Começamos respondendo pelo fim, a que(m) serve a representação do espaço-tempo projetada na narrativa barrosiana?

Entendemos seu conto como um registro da forma como Barroso experienciava o mundo à sua volta, sendo fruto de um dado momento histórico e inserido com as demandas de um determinado *campo* social.¹⁰ Inserido no turbilhão de mudanças advindas com a modernidade, Barroso fez de sua literatura uma missão contra a fragmentação de antigos paradigmas baseados numa sociedade rural, estamental e patriarcal, afeita em muito ao espírito do antigo regime servil.¹¹ Perder o controle desse mundo, no qual fora educado, alimentou receios, medos e frustrações. Perder a certeza de um tempo em muito idealizado, em que cada classe social saberia seu lugar na sociedade e assim vivia harmoniosamente e em que as mudanças só ocorriam na longa duração, era sentido como catastrófico. O tempo para Barroso estava fora de ordem e ele teria se imposto a tarefa de ordená-lo.

Nos primeiros anos do século XX, a sociedade brasileira vivenciava uma sobreposição conflituosa de temporalidades, o Brasil transitava da antiga ordem temporal para o tempo do progresso e da modernidade, com sua radical aceleração e tripartição do tempo em passado, tempo presente e futuro. Um tempo em que se criava um abismo temporal entre passado e futuro, entre experiência e expectativa, o que tornava o presente de Barroso algo caótico. Em meio a essa tensão entre o seu *espaço de experiência* e o seu *horizonte de expectativa*, Barroso fabrica, por meio da narrativa, sua própria temporalidade – a temporalidade barrosiana –, visando a reorientar o sentimento de que o tempo lhe escapava. E é sobre essa tensão temporal que fala o conto futurístico “O ôsso do presunto”, que agora iremos perscrutar mais a fundo.

A ucronia barrosiana começa com a chegada de João Mattoso à cidade do Rio de Janeiro, desembarcando na estação internacional aérea, onde seu amigo, Antonio Mendes, o esperava. Mendes o conduz, em seu carro elétrico, sem trocarem uma palavra durante o trajeto à sua enorme residência, um casario em que moravam cinco milhões de habitantes. (BARROSO, 1920, p. 341). Apenas em casa os dois conversam e Mattoso relata sua viagem:

– Almocei ante hontem em Nova York, com o Costes, liquidando o negocio da companhia de iluminação publica de Goyaz, o ultimo que faltava liquidar. A viagem foi sem incidentes. Esses aeroplanos fabricados no Rio são já excellentes, igualam aos estrangeiros. Cruzamos na altura da Guyana a aeronave da carreira do Canadá e vimos de Pernambuco á Bahia uns dois aviões brasileiros de cabotagem. (BARROSO, 1920, p. 341-342).

O futuro do progresso anunciado por Barroso fala de uma aceleração possibilitada pelas inovações técnicas, por exemplo o carro elétrico e com mais destaque o avião, inovações que permitiram ultrapassar as barreiras naturais, dando a sensação de encolhimento do espaço. Num curto espaço de tempo, Mattoso cruza uma vastidão geográfica, de Nova York ao Rio de Janeiro, que antes levaria dias ou meses. Tudo mudou mais rápido do que se podia esperar ou do que havia sido experienciado pelas gerações anteriores.

Na temporalidade moderna que o autor relata, o tempo é experienciado de forma fugaz, o próprio espaço se torna fugaz. No trajeto aéreo de Mattoso, não há relatos de relações entre pessoas, tudo passa rapidamente; a única coisa que se contempla são mais sinais de progresso: mais e mais

aviões que cruzam os ares. Até mesmo no trajeto para casa, com Mendes, em seu carro elétrico, não há diálogo “não trocam uma palavra”. (BARROSO, 1920, p. 341). A aceleração não alterou apenas as relações com a tecnologia, alterou a forma de viver o espaço e de se relacionar com as pessoas. No conto barroso, apenas no repouso há espaço/tempo para a relação humana, representada no diálogo dos dois amigos.

O progresso que parece conquistar uma área após outra, em que em relação com gerações anteriores, tudo muda mais rápido do que se poderia esperar (ou controlar), é o mesmo que constrói uma outra relação com a natureza. Nesse sentido, vemos a escrita barroso como um registro dessas transformações, pois, assim, na fala do personagem Mattoso, ele retrata a relação do mundo moderno com a natureza:

[...] Há uma coisa, porém, com a qual não me posso habituar.”

– Qual é?

– O mar.

– Porque?

Ó homem! sou um sujeito mais ou menos lido e dóe-me no coração vêr essa immensa planície liquida deserta, inteiramente deserta. Houve tempo em que as velas brancas dos navios e, depois, o penacho fumegante dos paquetes perturbaram a sua solidão. Hoje, não ha um barco, não se avista um vulto. O mar foi abandonado! E eu não posso deixar de me entristecer, pensando nas navegações dos phenicios, nas sereias da Odyséa, nas façanhas marítimas dos portuguezes e mesmo naquelles crimes que, ainda não faz um século, praticaram os submarinos da Allemanha. (BARROSO, 1920, p. 342-343).

Então o personagem Mendes, que a essa altura já nos parece claro que encarna a defesa do espírito do progresso, responde que o amigo está “como sempre, litterário”. (BARROSO, 1920, p. 342), dando a entender que devesse deixar para trás esse olhar saudoso, pois o passado significa atraso; para Mendes o amigo deveria olhar para as conquistas desse novo tempo, que anunciava ainda mis esplendor. Barroso segue com sua narrativa:

Mattoso olhou a immensa cidade, que garimpava pelas costas das serras, enxotando as antigas vegetações luxuriantes, que os velhos livros tropicalmente descreviam. Aqui e alli, no ar macio da noite clara, roncava um avião urbano, trazendo passageiros de Iguassú e

de Barra Mansa, levando gente para o Leblon e o Vidigal. Faulhavam no ceu as luminarias electricas, as scentelhas dos telegraphos e telephones sem fio. (BARROSO, 1920, p. 343).

O mar fora abandonado em nome do progresso, mar que antes servira de cenário para o desenrolar das ações humanas. Dentre elas Mattoso elenca algumas sociedades, como a dos fenícios, que, por meio do comércio marítimo, difundiram seu alfabeto por vastas regiões inclusive a Grécia. Esta considerada por muitos como berço da civilização ocidental, que nos legou entre tantas coisas a filosofia, a literatura (e um exemplar dessa literatura é a Odisseia evocada no conto barrosiano) e a ideia de democracia. É importante ressaltar que os atores privilegiados pela visada saudosa do personagem Mattoso são aqueles que representam uma história “vista a partir de cima”, dos grandes personagens e suas façanhas heroicas. Tudo isso num momento em que novos atores sociais começavam a lutar por mais espaço na vida brasileira.¹²

Outro povo evocado por Barroso, que por meio do uso do mar influenciou a História, foram os portugueses que, na perspectiva barrosiana, eram vistos como descobridores. Inclusive, Barroso dedica uma parte do livro *A ronda dos séculos*, para falar da “Era dos Descobrimentos”; essa parte do livro está dividida em dois contos, um intitulado “Anthrophagos”, que narra o sofrimento e a coragem dos portugueses ao se aventurarem pelos mares, e o segundo, “A Salomé do Sertão”, que narra a colonização do Brasil. Já que o tempo lhe escapava Barroso/Mattoso, busca em evidências de um dado passado, que deveria ser recuperado, reorientar sua temporalidade.

Voltemos ao lamento de Barroso, ou melhor de Mattoso. Segundo o historiador Durval Muniz, o mundo moderno tem na cidade, no mundo urbano, seu *locus* privilegiado, essa espacialidade representa o domínio da técnica sobre a natureza, o triunfo da racionalidade, dessa forma a natureza é o *outro* da civilização e, por isso, é progressivamente expulsa do espaço urbano. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 56-57). O progresso era sentido por Mattoso como agente destruidor de antigas espacialidades. Onde antes havia natureza e “antigas vegetações luxuriantes”, agora só restavam a cidade e os sinais do progresso. Progresso que era experienciado por meio dos sentidos: os olhos que captavam a expulsão da natureza e as luzes das “luminarias electricas” da cidade, os ouvidos que identificavam o ronco do “avião urbano” a transportar passageiros.

O conto dessa forma está descrevendo profundas transformações espaciais vivenciadas por Gustavo Barroso, e que são demonstradas pelo olhar particular do personagem Mattoso. Um olhar atento a cada detalhe do espaço que o cerca, espaço que fala de uma determinada temporalidade, espaço que tem o tempo dentro de si. Espaços que, segundo o historiador Durval Muniz, “guardam, materializam e falam do tempo, de um dado tempo e de um dado espaço”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 104). Espaços que não podem ser entendidos apenas por sua dimensão física, mas sim pelas relações humanas, vivências e experiências que ali se desenrolam, sentidos e projeções a eles atribuídos. Espaço que é a mistura inextricável entre natureza, sociedade e discurso. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 108).

Espaço que é apreendido por Mattoso, através de seus sentidos que à primeira vista, também parecem ser algo natural, mas, como nos lembra Durval Muniz, nossa sensibilidade é histórica; nossos sentidos, no caso da experiência do personagem Mattoso, sua visão e sua audição e, como veremos mais à frente, seu paladar, nos falam também de uma determinada temporalidade. Nossos sentidos estão situados na encruzilhada entre natureza, sociedade e discurso, pois nossa sensibilidade e nossos sentidos são forjados pela nossa condição de seres sociais e culturais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 113). Mattoso, nesse sentido, representa os valores e costumes de uma sociedade que se relacionava de outra forma com a natureza, que era mais afeita ao “fincar raízes na terra”, e a personalidade das relações sociais, sociedade rural pautada em valores tradicionais que via seus territórios de poder serem desafiados por uma nova ordem econômica-política-social-cultural, que privilegiava o espaço urbano e via no mundo rural e na natureza a representação do atraso.

Barroso diagnóstica o presente, a partir de sua representação de futuro, construída narrativamente e que traz consigo as angústias, os medos e as esperanças da época em que foi escrita; sendo assim, o autor não nos fala de um futuro qualquer, mas sim sobre o futuro prometido pelo progresso. Como toda utopia futurística – ucronia – o conto de Barroso é fruto genuíno de sua criatividade e nos fala de um futuro que, como tal, não pode ser alcançado pela experiência, não pode ser examinado, necessitando assim da pressuposição de continuidades temporais, pontos de contato não apenas com o fictício, mas com o empírico, confrontando assim o antigo com o que há de vir. (KOSELLECK, 2014, p. 124-125). É nesse sentido que podemos entender a referência ao afundamento dos navios mercantes brasileiros, por submarinos alemães¹³ citados anteriormente.

O personagem Mattoso deixa transparecer o estado de espírito de Gustavo Barroso que transforma seu *espaço de experiência*, “seu passado atual” (KOSELLECK, 2006, p. 309-310), em literatura. O tema militar era muito caro a Barroso, que se ocupou desse assunto em vários momentos da sua vida; lembremos que o ano de 1917 é bastante marcante para Barroso que ingressa na Comissão de Marinha e Guerra, e que passa a lutar enquanto Deputado, pelo resgate de uma suposta tradição militar do Brasil, que ele entendia estar se perdendo; resgate que seria materializado sobretudo a partir da criação, por meio do Projeto de lei 71, de 1917, por ele elaborado, da guarda do presidente da República, Os Dragões da Independência, com uniforme inspirado na antiga guarda de honra do imperador Dom Pedro I, que teria a função de “reviver as tradições do Exército Nacional e a força que as mesmas representam como despertadoras de entusiasmo e de patriotismo”. (BRASIL, 1917, p. 52).

Entendemos a passagem do lamento de Mattoso como uma tentativa de interpretar o momento histórico em que Barroso vivia. Para Barroso, os crimes de guerra cometidos pela Alemanha só foram possíveis por causa do abandono das tradições militares brasileiras e da consequente incapacidade do País em proteger suas fronteiras. Essas tradições representavam em grande parte a alma nacional, legadas do tempo do Brasil-Império,¹⁴ que na visada barrosiana estavam se perdendo e com elas se perdia também a nação brasileira, entendida como uma essência, que ele via ameaçada por forças desagregadoras que pareciam escapar ao seu controle.

Narrativa que mais fala da fragilidade do seu próprio significante, que vê seus antigos territórios de poder se transformarem num espaço vazio de tradições, que simbolizam a ruína de todo um sistema social, em que ele fora criado e do qual pretendia ser porta-voz. Ou seja, por meio de sua literatura, Barroso mobiliza ficção futurística com fatos históricos de forma a demarcar e legitimar sua atuação política do presente, entendendo o passado como força motriz de sua experiência temporal.

Assim, o conto nos fala mais de um Brasil que passava por intensas transformações. Um país que transitava do regime Imperial para a República e, com isso, toda uma mobilização simbólica, que visava a dar mais concretude à mudança política,¹⁵ era posta em prática. Separava-se a Igreja da política. Findava, ao menos no papel, a escravidão, e toda organização social fundamentada nesse regime sofria o abalo de tal mudança. A solução encontrada pelo novo governo para a questão da mão de obra foi o incentivo à imigração, sobretudo de europeus, para o Brasil. A febre imigratória

fomentada pelo governo brasileiro, empenhado não só em resolver a questão da mão de obra, mas também no “branqueamento do Brasil”,¹⁶ reconfigurou a paisagem social brasileira. Alemães, espanhóis, portugueses, italianos, japoneses e outros povos que formavam uma grande massa de desempregados, em seus países de origem, foram atraídos pela propaganda da abundância nas Américas, e para cá eles vieram impulsionados pela melhoria dos transportes marítimos. E com eles novas formas de vivência, de costumes, crenças e modos de organização política foram se desenvolvendo, de forma nem sempre pacífica, em território brasileiro.¹⁷

Cidades e indústrias, já na década de 1910, ganharam um novo destaque com a crise na agricultura e a substituição das importações. Essa massa de imigrantes concentrou-se mais nas grandes cidades, principalmente na então capital, Rio de Janeiro, e em São Paulo, atraídas pelas novas oportunidades oferecidas na cidade, onde poderiam colocar em prática a especialização profissional, malgrado a política de incentivo ao trabalho rural. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 325-326). Enquanto a população nas áreas rurais decrescia, a população urbana aumentava vertiginosamente,¹⁸ trazendo com isso remodelações e conflitos na sociedade brasileira. É essa a paisagem que Barroso descreve por meio do personagem Mattoso, que do “casario imenso” do amigo, onde “moravam cinco milhões de habitantes” (BARROSO, 1920, p. 341), ele enxerga uma “imensa” (BARROSO, 1920, p. 343) cidade, Rio de Janeiro, situada numa região que já não é mais o Brasil, mas a “capital dos Estados Unidos da América do Sul”. (BARROSO, 1920, p. 342-343).

Defronte à imensidão de tantas transformações, Barroso via o mundo em que fora criado desmoronar, a região que mais tarde viria a ser chamada de nordeste,¹⁹ da qual ele é oriundo enquanto representante da decadente elite rural cearense, foi a que mais sofreu com essas transformações. A desmontagem da mão de obra servil, baseada na economia do açúcar e do algodão, e as grandes secas que castigavam a região²⁰ fomentaram seu despovoamento, em detrimento dos estados cafeeiros e da busca por oportunidades nas pulsantes capitais brasileiras, mais especificamente São Paulo e Rio de Janeiro. além da intensa migração para a Amazônia, por causa da “febre da borracha”. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 326).

Dessa forma o “barro social” que o autor usou para “moldar” o personagem Mattoso é o mesmo do seu *lugar social*, filho de uma elite rural decadente que perdia sua centralidade político-econômica para outra área do País, o eixo sul-sudeste, o que também solapava toda uma ordem de

relações de controle social. Esse declínio levou muitos filhos dessa elite rural do Norte do País a migrarem para a sede do poder central, Rio de Janeiro. É o caso de Gustavo Barroso, que utilizaria o capital simbólico e cultural, do qual ainda se dispunha, junto a importantes personalidades do Estado, para garantirem não só condições materiais para sua produção intelectual, mas para a própria sobrevivência. (MICELI, 1979, p. 21).

É a partir desse *lugar social* decadente que Barroso escreve e reescreve a história do Brasil nos primeiros anos da República; seu conto, inserido numa obra maior, é um testemunho histórico dessas intensas transformações que colocavam em xeque a perpetuação do antigo espaço/tempo de dominação e exploração do qual ele era herdeiro. Seu *horizonte de expectativas*, seu “futuro presente”, era experienciado sob o signo da saudade de um passado que não deveria passar.

É com pesar que, enquanto voava num “aeroplano particular de grande velocidade” (BARROSO, 1920, p. 344), com seu amigo Mendes que o pilotava, Mattoso interpreta essas transformações: “– A velha concepção das nações e das raças desapareceu. Hoje, o mundo não tem mais questões de limites ou de influencias”. (BARROSO, 1920, p. 344). Essas frases “perdiam-se uma a uma no ar, como folhas secas que o vento espalha” (BARROSO, 1920, p. 344), talvez devido “a violencia do vento e o monotono, ensurdecador ruido da machina” (BARROSO, 1920, p. 344), talvez porque Mendes estava muito concentrado pilotando o rápido avião, ou talvez porque, no mundo da velocidade, não exista espaço para o diálogo entre as pessoas, mas “Mendes não deu uma palavra”. (BARROSO, 1920, p. 344). Mattoso prosseguia sua arguição: “Os antigos países parece que não existem mais, são agora grande blocos Estados Unidos da America do Norte, do Sul, da Europa, Oceania, Asia e Africa. Somente o da Africa tinha farda e serviços militares”. (BARROSO, 1920, p. 344).

As nações se perdiam frente à internacionalização, porque suas raízes, encontradas numa sociedade rural-senhorial, não eram mais respeitadas, o tempo que se acelerava sobre si próprio trazia transformações que não respeitavam as antigas fronteiras, que demarcavam não apenas a geografia, mas também o corpo das pessoas. É a partir da tensão entre o que se foi e o que há de vir, que Gustavo Barroso ressignifica, no presente de sua escrita, tanto o passado como o futuro. O personagem Mattoso lastima o fim de uma sociedade hierarquicamente dividida pela raça, a mestiçagem agora era a regra e, nesse sentido, podemos entender o personagem Mattoso, como metáfora de um pensamento expresso por vários intelectuais nacionais e

viajantes europeus, que enxergavam na mestiçagem o motivo do atraso do Brasil e a impossibilidade de o País se constituir uma nação. (SCHWARCZ, 1993, p. 13).

Segundo Lília Schwarcz (1993, p. 19), na virada do século XIX para o XX, a questão racial no Brasil era um argumento quase consensual. E é no momento de término da escravidão e de fundação de um novo projeto político, que as teorias raciais, o darwinismo social e o evolucionismo social vão ganhar corpo no País, sendo apresentadas enquanto modelos para justificar a substituição da mão de obra²¹ e a manutenção de uma rígida hierarquia social, estabelecendo critérios diferenciados de cidadania. (SCHWARCZ, 1993, p. 18). Nesse sentido, vale lembrar que Barroso não era “órfão” apenas de uma elite política e economicamente em declínio, sua mãe, de ascendência germânica, morreu logo após o parto e, segundo Durval Muniz (2013, p. 127), talvez essa ascendência materna seja uma das explicações para a importância dada pelo autor ao tema da raça, não só nesse conto, mas em toda sua vasta obra intelectual²² e, acreditamos, inclusive, em sua militância junto ao integralismo na década de 1930.²³

Voltemos ao conto.

Os dois amigos seguem sua viagem de avião. Mattoso continua falando, dessa vez ele parece positivo, em certa medida, com o progresso: “– Já faz tempo que houve a última guerra! E jamais haverá outra. A guerra é uma criação social infame. Entramos decididamente na era da paz universal.” (BARROSO, 1920, p. 344). Entendemos que nessa passagem o autor se descola um pouco da “roupa” do personagem Mattoso para tecer uma crítica aos seus pares, que, se não se mostravam confiantes com o futuro prometido pelo progresso, acreditavam ao menos terem alcançado o ápice da humanidade e com isso a extinção dos conflitos, mas logo foram surpreendidos com aquilo que ficou conhecido, depois, como a Primeira Guerra Mundial.

Continuando no conto, então Mattoso tira do frigorífico um presunto e pão e faz um “sandwichs” “– Pela moda antiga e para desenfasiar o gosto das comidas químicas de hoje”.²⁴ E Mendes, na hora de satisfazer a necessidade biológica de se alimentar, finalmente fala: “– Tens razão. Nunca mais á face da terra um homem brigará com outro homem.” (BARROSO, 1920, p. 345). Meia hora depois o avião cai no mar por causa de intempéries naturais. Os dois amigos então conseguem nadar até uma ilha deserta e abandonada, pois “a conquista do ar trouxera o abandono do mar já conquistado”. (BARROSO, 1920, p. 345).

Por sorte chegaram na ilha os destroços do avião e com eles os restos dos suprimentos que estavam no frigorífico, isso lhes garantiu mais uma semana de alimentos naquela ilha esquecida, em detrimento das novas tecnologias. No final, restava apenas um pedaço de carne em volta do osso do presunto. Então não havia mais dois amigos, mas sim:

[...] duas feras premidas pelo mesmo instinto bestial, primitivo, material, inludível e ao mesmo tempo sublime, porque ele, fez todo o progresso humano, o instinto da própria salvação, a fome. (BARROSO, 1920, p. 346).

No fim do conto, depois de uma enorme briga pelo osso do presunto, Mendes ataca brutalmente Mattoso e consegue roer o osso. (BARROSO, 1920, p. 347).

O futuro anunciado pelos entusiastas do progresso se mostrava uma falácia para Barroso. A força da natureza, para nosso autor, se sobressai à força da tecnologia. A influência da natureza triunfa até mesmo sobre as relações sociais. O verdadeiro progresso não se encontrava nas descobertas tecnológicas e nos novos costumes de então. O verdadeiro progresso era uma essência humana que, para o bem ou para o mal, fez a humanidade se desenvolver: o instinto de salvação e a sobrevivência do mais forte, da raça mais forte, justamente aquela “velha concepção” de raça que estava desaparecendo segundo Barroso. A paz universal nunca seria possível, já que o conflito humano é uma constante. Daí a provocação lançada por Barroso no título da última parte do seu livro aqui analisado: “A última guerra?” A paz advinda pelo progresso tecnológico seria só mais uma etapa da humanidade, e que trouxe consigo mais coisas negativas que positivas.

Sendo assim, o conto nos fala de um mundo, que é a representação de um determinado *lugar social*, que vai se perdendo frente às transformações históricas experienciadas nas primeiras décadas do século XX. Abre-se assim um abismo entre o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa* de Gustavo Barroso, materializado pelo personagem Mattoso, que representa a consciência do que se perdia com o progresso advindo da modernidade. A interpretação que tiramos disso é que, se o presente de escrita do conto barrosiano é diagnosticado pelo autor como ruim, o futuro seria bem pior, pois para Barroso não haveria salvação na temporalidade moderna. Do tempo do progresso, e das mudanças que escapavam ao seu controle, ele

apenas esperava a destruição de toda uma forma de organização social, da qual ele era herdeiro e lutava para preservar.

Dessa maneira o *espaço de experiência* de Barroso, o seu passado atual, repercute também em seu *horizonte de expectativa*, que se realiza no hoje, no futuro presente. Entre essas duas temporalidades – passado e futuro – se comprime o presente, momento fugidio de difícil captura, no qual se dá a tensão entre experiência e expectativa (KOSELLECK, 2006, p. 313), que reverbera em sua ação político-literária. Destarte, o mundo fora de ordem para Barroso era expresso por meio de sua literatura futurística de cunho negativo, que visava a restaurar a antiga temporalidade que encerrava em si passado, presente e futuro, garantia da manutenção da ordem e do *status quo* da, há muito decadente, aristocracia cearense da qual ele era herdeiro.

Considerações finais

Debruçamo-nos neste artigo na análise do conto “O osso do presunto”, texto em que já não mais só o espaço, mas também o tempo se torna o lugar de investimento da utopia. Visamos dessa forma a problematizar a experiência temporal barrosiana, investigando a forma pela qual, em um determinado tempo presente, Gustavo Barroso entrelaça narrativamente a dimensão temporal do passado com a dimensão temporal do futuro, constituindo uma ucronia que traz consigo as esperanças, angústias e os temores da época em que foi escrita.

Como um “ucronocrata”, Barroso sobrepõe estratos temporais, a fim de interpretar e dar sentido à mudança histórica por ele vivenciada. A consequência do vertiginoso processo de urbanização, industrialização e desenvolvimento tecnológico era por ele sentida de forma aflitiva. Não que seja um “tudo ou nada”, ruptura ou continuidade. O que parece preocupar Barroso é a aceleração dessas mudanças que solapavam de forma brusca toda uma dada ordem político-social.

O presente da escrita do conto barrosiano fala de seu estranhamento devido à dissociação com o passado, entendido como repositório de certezas e garantias de manutenção de privilégios. O passado passava agora a ser visto pelo discurso do progresso como lugar de atraso. À luz do pensamento de Koselleck, entendemos que o progresso não é apenas uma forma de se mirar um futuro, ele é também uma forma de se experimentar o cotidiano. (KOSELLECK, 2006, p. 69). Dessa forma, ele se faz um futuro presente nutrido de fontes como as novas relações sociais capitalistas, a prevalência

da vida urbana, o desenvolvimento técnico, o aumento populacional, a transferência de poder de uma região para outra. Nesse sentido, para Barroso o que vinha com a modernidade era toda uma ruína de um antigo espaço/ tempo de poder.

A ficção futurística barrosiana, que fala sobre um *horizonte de expectativa* prometido pelo progresso, e seus personagens que encarnam visões de mundo conflitantes, metaforizando sentidos atribuídos ao prelúdio republicano, foi por nós encarada como um testemunho histórico que nos diz muito²⁵ sobre seu momento de feitura: a sociedade brasileira dos primeiros anos do século XX.

O tempo não é vivido da mesma forma por todas as sociedades; para o *lugar social* em que Barroso fora criado, o tempo histórico era vivenciado de forma que passado, presente e futuro estavam ligados, sendo possível tirar lições de uma história quase imóvel e, dessa maneira, garantir a manutenção de seus privilégios – o tempo era ordenado.

Com as transformações que advieram com a modernidade, abriu-se um fosso temporal dissociando passado, presente e futuro. A temporalidade moderna desordenou toda a sensibilidade de uma dada ordem social; essa temporalidade é o tempo do novo, do “fecundo, prenhe de novidade” (PROST, 2008, p. 101); não há espaço para repetição, o passado encarnava o atraso e era um “antes” que não se poderia mais modificar; o próprio presente se tornava algo estranho frente ao ritmo acelerado de tantas modificações, apenas o futuro interessava, pois esse seria diferente, seria melhor.

Frente à sensibilidade temporal moderna que triunfava, Gustavo Barroso senhor do (seu) tempo, ucronocrata, não compartilha o otimismo prometido pelo progresso, para ele a temporalidade moderna era o tempo da fugacidade, da desvalorização das tradições, das nações, da natureza, da própria vida humana. A Grande Guerra (1914-1918) marcava uma comprovação da falibilidade do discurso que valorava, de maneira positiva, o futuro. Há assim uma grande tensão na sensibilidade temporal barrosiana em choque com a temporalidade moderna; dessa forma ao mesmo tempo coexistiam vários projetos de *brasis* que pertenciam a épocas diferentes, e aquele defendido por nosso autor, aqui analisado, estava em desvantagem. Era preciso colocar o tempo em ordem, para assim ordenar o próprio mundo. É nesse sentido que, no conto “O ôsso do presunto”, Barroso afirma que a promessa do progresso é falha, pois a natureza é maior que tudo, ela é capaz de colocar por terra todas as descobertas tecnológicas com um só sopro.

Mesmo que se apresente a possibilidade de um futuro progressivo de mais e mais descobertas e invenções, para Barroso o ser humano tem uma essência, um já dado natural, que traz em seu âmago a luta pela sobrevivência da raça mais forte, e é nela que está a chave para o verdadeiro progresso.

Destarte, acreditamos que refletir sobre a questão temporal, expressa na obra barroiana, é um movimento historiográfico de três vias entrecruzadas. Uma dessas vias diz respeito a mostrar como, por meio da literatura, podemos pensar a experiência humana com o tempo. A outra via passa pela desnaturalização do próprio conceito de tempo, devolvendo sua historicidade, tratando o tempo também como obra-prima do nosso *métier*. E outra via que passa por não perder de vista a relação da História com o mundo contemporâneo, em que experienciamos uma hiperaceleração da ordem temporal, promovida pelo capital e pelo fluxo de informações das novas mídias sociais. (TURIN, 2017, p. 56-70).

Vivemos hoje a coexistência de temporalidades que se tencionam. Estão em pauta na ordem do dia projetos que já levaram a trágicos acontecimentos, por exemplo, as duas Guerras Mundiais, as tragédias humanitárias dos imigrantes, e a ameaça de uma nova guerra nuclear. Sabemos que o futuro prometido pelo progresso pode não ser tão bom assim. Também acreditamos que o discurso reacionário, que vem ganhando força em todo mundo ocidental, a partir do crescimento de uma extrema direita, que diz defender supostas tradições, de um passado que não deve passar, traz embutidos preconceitos sociais, étnicos, de gênero, em suma de exclusão do *outro*.

Estratos temporais que são do campo da tensão, do conflito, mas também do diálogo, dos acordos. Podemos observar no caso do golpe político-jurídico-midiático ocorrido no Brasil em 2016, que mesclando a “força do passado” numa referência, ora explícita, ora implícita, a modelos antigos de dominação, com a “força do futuro”, utiliza como mote uma suposta “ponte para o futuro”, um projeto que se propõe inovador, modernizador. Entretanto, traz em si a opressão e a exclusão de amplas camadas sociais, em nome da legitimidade do tempo produtivo do capitalismo. O que se desenha é a promessa de um futuro que se faz cada vez mais presente no mundo da era digital e que já aparece desgastado por uma obsolescência programada não só dos aparatos tecnológicos, mas do próprio ser humano em sua pluralidade.

Dessa forma, acreditamos que problematizar a encruzilhada entre História-Tempo-Literatura é sinalizarmos que nem tudo é como um dado

da natureza; que existem outras formas de se experimentar o binômio tempo/espaço, apesar do tempo e do espaço que nos é imposto. Orientamo-nos dessa forma é estarmos abertos para a construção de uma sociedade diferente da que aí está. É reafirmar que novos tempos/espaços são possíveis.

Notas

¹ Embora publicado apenas em 1920, o livro é iniciado durante o seu mandato como Deputado Federal, como dito por ele próprio no referido livro e terminado em dezembro de 1918. (BARROSO, 1920, p. 349).

² Entendemos o pensamento de Barroso como sendo fruto de operações, como prática que liga a ideia ao lugar de escrita, segundo regras historicamente definidas. Quanto ao conceito de *lugar social*, ver: (CERTEAU, 2002).

³ Como exemplo do crescimento de partidos de extrema-direita pelo mundo, podemos citar o caso de países centrais na política europeia, tais como: Reino Unido, França e Alemanha, que, a partir de uma retórica que tem como ideia motora o radical discurso contra a imigração e a volta a um suposto passado de glórias, conquistam, por vias democráticas, cada vez mais espaço na política. Enquanto no Brasil um candidato também da extrema-direita foi eleito para a presidência do País, tendo como base de seu discurso a subalternidade e eliminação de tudo aquilo que ele entende como indesejável. Sobre a ascensão da extrema-direita na Europa, ver: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo->

[segundo-este-estudioso](https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso). Acesso em: 2 jul. 2018. Sobre algumas das declarações de Jair Messias Bolsonaro, do PSL, eleito o 38º presidente da República Federativa do Brasil, em 2018, ver: <<https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>>. Acesso em: 1º nov. 2018.

⁴ É importante ressaltar que para Koselleck a aceleração é mais que uma mera mudança e progresso. A mudança, segundo o autor alemão, pode ser encontrada em toda a história. “No entanto, a mudança moderna é aquela que provoca uma nova experiência temporal: a de que tudo muda mais rapidamente do que se podia esperar até agora ou do que havia sido experimentado antes”. (KOSSELLECK, 2014, p. 153).

⁵ Segundo Koselleck, na modernidade as “expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então”. *Espaço de experiência e Horizonte de expectativa* são dois conceitos operacionalizados por Koselleck, para problematizar o tempo histórico. O primeiro conceito se refere a uma experiência do passado, que se realiza no presente, já o segundo faz referência a toda uma projeção de sensações, ansiedade, desejo, medo, sonhos, que miram o por

vir, o horizonte; portanto, é todo um universo de antecipação que se realiza no hoje. Dessa forma é que, à luz do pensamento kosecklliano, podemos falar em um passado-presente e em um futuro-presente, que são categorias complementares, que incidem uma na outra. (KOSELLECK, 2006, p. 309-314).

⁶ Para Koselleck, somente a categorização da desnaturalização do tempo não nos fala muito, pois o tempo sempre tem a ver com a natureza, com os astros, com os processos biológicos do ser humano. O que Koselleck nos fala é da aceleração vista sempre em perspectiva causada exclusivamente pelo próprio ser humano, resultando em sua maior autonomia frente à natureza. Essa característica começa a se tornar uma máxima da experiência, a partir da Revolução Francesa e Industrial. (KOSELLECK, 2014, p. 142-153).

⁷ O Diário da Câmara, de 9 de junho de 1917, traz a nomeação do deputado Gustavo Barroso para a Comissão de Marinha e Guerra, no lugar Ildefonso Pinto. (BRASIL, 1917, p. 43). Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD09JUN1917.pdf#page=>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

⁸ A etimologia da palavra *utopia* deriva do grego *ou*, que significa *não*, e *topos*, que significa *lugar*; logo *utopia* seria um não lugar, um lugar não existente. O termo *utopia* aparece pela primeira vez no livro homônimo de Thomas More em 1516, no qual é descrita uma ilha fictícia onde prevalece a ordem e a moralidade entre os homens. Sobre o paradigma utópico, ver: Baczko (1985, p. 346-396).

⁹ Segundo Bronislaw Baczko, na segunda metade do século XVIII, abandonam-se os paradigmas do discurso utópico reinante até então – a utopia narrativa e o

projeto de legislação ideal enquanto constituição modelar para uma sociedade abstrata, tal como formulada por More. Tal mutação vai de par com outra: o algures social deixa de estar associado só a uma espacialidade, e passa a ter no tempo imaginário lugar do investimento máximo da utopia; dessa forma, ao invés de uma *u-topia* passamos a ter uma *u-cronia*. *U-cronia* derivada do grego, temos um *não tempo*. (BACZKO, 1985, p. 364-365).

¹⁰ Seguimos em nosso texto com a noção de campo proposta por Pierre Bourdieu, que nos lança subsídios para que possamos compreender os campos como espaços sociais com suas próprias regras, princípios e hierarquia, com delimitações definidas, a partir não só dos acordos e consensos, mas também a partir dos conflitos, das tensões e dinâmicas. Campos que devem ser entendidos enquanto estruturas estruturantes, espaços determinados e determinantes, que se relacionam no conjunto social com outros campos, originando espaços sociais mais abrangentes, influenciados e influenciadores. Para mais detalhamento sobre o conceito de campo, ver: Bourdieu (2011).

¹¹ Sobre o papel das elites na formação do Brasil, ver: Prado Junior (1994, p. 212-215).

¹² Falaremos sobre esses novos atores sociais mais à frente.

¹³ Sobre a situação das Forças Armadas brasileiras e a entrada do Brasil na Primeira Guerra, ver Mendonça (2008).

¹⁴ Barroso entendia que o Brasil-Império era o período por excelência da nossa história, principalmente pelos grandes feitos militares, em especial a Guerra do Paraguai. (CERQUEIRA, 2011, p. 14).

¹⁵ Nomes de ruas, praças, instituições, datas comemorativas, a bandeira, o papel-

moeda foram alterados, até nomes próprios começaram a sofrer a influência dos modelos norte-americanos. Novos heróis foram buscados; tudo isso para povoar o imaginário da República dos Estados Unidos do Brasil. Ver: Schwarcz e Starling, (2015, p. 318-319).

¹⁶ Sobre a questão racial e o surgimento de uma nova elite profissional, que já incorporara os princípios liberais e passava a adotar um discurso científico evolucionista, como modelo de análise social, ver Schwarcz (1993).

¹⁷ A classe operária, instituída em diferentes tipos de organizações inspiradas nos ideais anarquistas e comunistas, passava a despontar como novo protagonista na vida pública do Brasil, reagindo contra as péssimas condições de trabalho e lutando por direitos laborais, como férias, salários dignos, jornada de trabalho diária de oito horas e proibição do trabalho infantil. Inclusive, no ano de 1917, organizado por anarquistas e comunistas, o Brasil vivenciou a primeira greve geral, uma das mais abrangentes e longas da história brasileira; greves estas que foram duramente reprimidas pelo governo. Sobre as origens do movimento operário no Brasil, ver Carone (1979).

¹⁸ Segundo dados trazidos por Schwarcz e Starling no primeiro decênio da República, a população rural decresceu 2,2%, já na área urbana houve um aumento de 6,8%, mostrando que o processo de urbanização viria para ficar, alterando assim a feição do País. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 326).

¹⁹ Sobre a emergência da região Nordeste, ver Albuquerque Júnior (2009).

²⁰ A temática da seca é um dos principais temas de Gustavo Barroso expresso tanto em sua literatura como em sua atuação enquanto deputado. Não pretendemos

neste artigo adentrar nessa temática, apenas demarcaremos nosso posicionamento historiográfico sobre tal fenômeno que tem tanto base natural como base social. À luz do pensamento de Durval Muniz, entendemos que em fins do século XIX deu-se a invenção da seca como problema regional, justamente num momento em que a região Norte enfrentava uma aguda crise econômica com a queda dos preços da exportação do açúcar e do algodão, somando-se a evasão de mão-de-obra escrava. Essa grave crise levou a desestabilização de todo um *status quo*, que vendo seus antigos territórios de poder ruírem encontraram no emprego público, e no desvio de recursos enviados para tentar resolver a questão da seca, uma garantia de subsistência. Sobre o discurso da seca e a indústria da seca, ver Albuquerque Júnior (2008, p. 229-245).

²¹ Se como já dissemos o “branqueamento” da população, a partir do incentivo à imigração européia, foi uma solução encontrada, ela também traria inconvenientes como a resistência dos operários brasileiros às prerrogativas de uma classe há muito acostumada com uma ordem estamental em que as relações de trabalho escravo davam o tom. Pois junto com a grande onda imigratória vieram também o afluxo de ideais anarquistas e comunistas que inflamaram a nascente classe operária brasileira, que passou a reagir às péssimas condições de trabalho que eles encontraram no Brasil. Dentre as principais bandeiras desses novos atores sociais estavam a luta por direitos laborais, como férias, salários dignos, jornada de trabalho diária de oito horas e proibição do trabalho infantil. Sobre as origens do movimento operário no Brasil, ver Carone (1979).

²² Entendemos o conceito de intelectual conforme proposto por Sirinelli: um conjunto de sujeitos específicos,

considerados como criadores e mediadores culturais, bem como ator engajado e militante. (SIRINELLI, 2003, p. 242-243).

²³ Sobre a sua inserção no integralismo, ver: Dantas (2015).

²⁴ Notemos que as mudanças advindas com a modernidade alteraram também

todos os níveis do cotidiano, inclusive os sentidos, nesse caso o paladar. (BARROSO, 1920, p. 345).

²⁵ E aqui vale lembrar, segundo Bloch, que até o mais claro e objetivo documento, não fala senão quando se sabe interrogá-lo, pois é a pergunta que condiciona a análise. (BLOCH, 2001).

Referências

Fontes:

Anais do Congresso Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917 (n. 33). Disponível em: <<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD09JUN1917.pdf#page=>>>. Acesso em: 3 jul. 2018. p.43.

BARROSO, Gustavo. *A ronda dos séculos*. Rio de Janeiro: Livraria Editora de Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

JORNAL NEXO JORNAL, 29 de setembro, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudioso>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

ISTOÉ, Revista. Disponível em: <<https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias>>. Acesso em: 1º nov. 2018.

Livros e artigos de apoio:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira*: história,

espaço e identidade regional. Recife: Bagaço. 2008.p. 56-57.

_____. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2009.

_____. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

BACZKO, Bronislaw. Utopia. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, v. 5, p. 346-396, 1985.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11. ed. Campinas/SP: papiros, 2011.

CARONE, E. *Movimento operário no Brasil: 1877-1944*. São Paulo: DIFEL, 1979.

CERQUEIRA, Erika Morais. *O passado que não deve passar: História e Autobiografia em Gustavo Barroso*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DANTAS, E. G. *Gustavo Barroso, o Führer Brasileiro: nação e identidade no discurso integralista barrosiano de 1933-1937*. João Pessoa: Ideia, 2015.
- HOBBSBAWN, Eric J. *Nação e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- _____. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- MENDONÇA, Valterian Braga. *A experiência estratégica brasileira na Primeira Guerra Mundial 1914-1918*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No norte da saudade: esquecimento e memória em Gustavo Barroso*. 301 f. Tese (Doutorado) – História Social do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, H. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870/1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. (Org.). *História da vida privada no Brasil-República: da belle époque à era do rádio*. 7. reimp., São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 7-48. v. 3.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- TURIN, R. A polifonia do tempo: ficção, trauma e aceleração no Brasil contemporâneo. *Artcultura* (UFU), v. 19, p. 56-70, 2017.

